

GÊNERO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA: UM ESTUDO COM PROFESSORES

ALINE SOARES DE SOUZA¹
TATIANE DE OLIVEIRA PINTO¹
PATRÍCIA OLIVEIRA DE FREITAS²

1. Bolsistas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFRuralRJ, Discentes do Curso de Economia Doméstica;
2. Professora do Dep. de Economia Doméstica do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRuralRJ.

RESUMO: SOUZA, A. S.; PINTO, T. O., FREITAS, P. O. *Gênero, Brinquedo e Brincadeira: um estudo com professores. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v.26, n.1-2, p. 54-59, jan.- dez., 2004.* O presente trabalho apresenta resultados da pesquisa "Representações de Gênero em brinquedos e brincadeiras: uma análise com professores do curso de formação de professores". A pesquisa foi realizada, inicialmente junto aos estudantes e posteriormente junto aos professores do curso de formação de professores do Colégio Estadual Presidente Dutra, localizado no município de Seropédica-RJ. **Palavras-chave:** Gênero, Formação de Professores, Brinquedos e Brincadeiras.

ABSTRACT: SOUZA, A. S.; PINTO, T. O., FREITAS, P. O. *Gender, Toy and Game: a study with teachers. Revista Universidade Rural: Série Ciências da Vida, Seropédica, RJ: EDUR, v.26, n.1, p. 54-59, jan.-dez., 2004.* The present work presents results of the research "Representation of Gender in toys and games: an analysis with teachers from the teachers' formation course". The research was taken, firstly with the students and further with the teachers from the teachers' formation course of Colégio Estadual Presidente Dutra, situated in Seropédica city – RJ. **Key words:** Gender, Teachers' Formation, Toys and Games.

INTRODUÇÃO

A ampliação da problematização da questão do consumo não se deu apenas a partir da consideração da importância dos aspectos simbólicos nela envolvidos. Limitada antes ao universo dos indivíduos com poder aquisitivo, o eixo da discussão passou a se deslocar também na direção dos adolescentes e das crianças. A cultura do consumo redefiniu o papel da criança e do jovem na sociedade contemporânea, atribuindo-lhes um papel mais ativo. Antes compreendidos como indivíduos em construção, preparando-se para tornarem-se adultos, eles passaram a fazer parte da categoria de consumidores em potencial (CASTRO, 1998). Esse novo papel das crianças é estimulado e utilizado pelos profissionais que lidam com marketing,

voltando cada vez mais seus esforços para os mais jovens. Podemos observar que existe um enorme investimento da sociedade em geral para que os sujeitos sejam ou se comportem desta ou daquela forma, que gostem de determinadas coisas em função do seu sexo. Os tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras que disponibilizamos para meninos e meninas, a utilização dos espaços que permitimos a um e a outro, são alguns exemplos de como os indivíduos vão se constituindo (FELIPE, 2001). Considerando o destaque que a TV ocupa na sociedade contemporânea, especialmente entre as crianças (ela hoje não só concorre com a escola pela atenção das crianças, como é um importante recurso utilizado em diversos projetos e/ou programas educacionais), deve-se pensar na necessidade de que educadores/as

tenham um olhar mais contextualizado, colocando-se a par do que tem ocorrido em diferentes instâncias onde circulem informações. Isto implica em considerar que a educação não se limita ao espaço escolar, mas ela acontece numa multiplicidade de lugares e situações. A escola ensina o indivíduo a ler e aos poucos ele ganha autonomia para pensar e ter idéias próprias. Num mundo marcado pela presença constante dos valores transmitidos pelos meios de comunicação de massa, é preciso ensinar o cidadão a decodificar esse tipo de linguagem (a mensagem audiovisual), como condição essencial para o exercício do seu direito democrático. Um deles, talvez o fundamental, é o de ter acesso a uma programação televisiva de qualidade. Steinberg (1997) citada por Felipe (2001), observa que atualmente, o currículo escolar é organizado como um *continuum* de experiências, desdobrado numa seqüência de desenvolvimento, como se as crianças aprendessem sobre o mundo através de incrementos progressivos. No entanto, entendemos ser pertinente conceber a pedagogia e o currículo de forma mais ampla, uma vez que a educação se dá numa variedade de locais sociais, incluindo o espaço escolar, mas não se restringindo a ele. A autora, aponta para a necessidade de que pais, mães e professoras/es e demais profissionais voltados para a formação de crianças tenham uma visão de infância que possa dar conta dos efeitos da cultura popular em suas auto-imagens e suas visões de mundo. Examinar os materiais didáticos e pára-didáticos voltados para as crianças, bem como os diversos objetivos culturais, tais como brinquedos, filmes, etc., são fundamentais para perceber de que forma eles trazem concepções de gênero, sexualidade, raça, etnia, geração, nacionalidade, dentre outras Felipe (2001). Neste estudo, a categoria gênero será entendida como uma categoria relacional, conforme definição de Scott (1990). A referida autora chama a atenção para o fato de que algu-

mas teorias para tal categoria construíram sua lógica a partir das analogias, com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos não tinha aparecido. O gênero emerge como uma crítica ao determinismo biológico; assim como, para resolver questões metodológicas nos estudos feministas ao focalizar o sexo ou a mulher como categoria analítica. O conceito de “gênero”, passa a ser utilizado para expressar as relações sociais fundamentais em desigualdades socialmente e culturalmente construídas, rejeitando explicitamente as explicações biológicas. Em nossa sociedade que acaba por segregar os gêneros, temos a escola como uma instituição que também está envolvida nesse processo. Desta forma o correto seria que o debate acerca deste tema seguisse no campo social, campo este onde se constroem as relações, por vezes desiguais entre os sujeitos. “A pretensão é entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 1997)

Quanto ao espaço escolar, o que parece evidente é que este é “atravessado” pelas relações de gênero. É impossível pensar a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e de feminino. É de extrema importância que educadores em geral analisem como as identidades de gênero e outras são representadas e também como são atribuídos a elas significados sociais, ordenamentos, hierarquias e diferenciações. Cabe indagar ainda como são atribuídos a meninos e meninas, jovens e adultos posições-de-sujeito legítimas, adequadas, “sadias, normais” e aquelas que devem ser rejeitadas e negadas. Talvez analisar o instrumento produtor de identidades como a linguagem que inclui ou exclui, que aprova ou que marginaliza sujeitos, seria relevante ao pro-

cesso de conhecimento dos educadores. Muito importante também seria analisar as representações sociais que circulam sobre mulheres e homens, homossexuais ou heterossexuais, negros, brancos e índios e, sobretudo observar aqueles grupos sociais que exercitam o direito de representar os outros, além de representar a si próprios. Brougère (2001) comenta sobre a socialização da criança através da brincadeira. Tal processo é encarado como um conjunto de atividades pelas quais a criança se integra à sociedade que a cerca, absorvendo seus códigos e se comunicando com outras pessoas. Através da brincadeira podemos pressupor que haja uma aprendizagem social. O ato de brincar, que muitas vezes ocorre na escola, por vezes retrata uma adequação às situações propostas e também se torna um espaço onde a criança cria, inventa, é curiosa e faz experiências diversas, pelo mínimo que a sociedade lhes ofereça e lhe proporcione isso. O objetivo deste trabalho foi, partindo das perspectivas dos autores citados acima, investigar as representações de gênero contidas na prática educativa das/os professores do Curso de Formação de Professores.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização da pesquisa propriamente dita, foram realizados estudos exploratórios com o objetivo de obter informações sobre as características do Colégio Estadual Presidente Dutra, visando identificar o tamanho da população alvo para a determinação da amostragem, bem como fazer um levantamento do histórico da mesma. A questão central do presente estudo articula-se em torno de interrogações sobre a concepção dos professores do curso de Formação de Professores acerca da distinção de gênero nas atividades curriculares (práticas e teóricas) dos alunos. O tema foi investigado junto aos professo-

res, das disciplinas (Política Educacional, Iniciação à Pesquisa e Produção Pedagógica, Didática do Ensino Fundamental, Educação para Jovens e Adultos, Teoria e Ênfase para Projeto Político Pedagógico, Alfabetização e Sociologia da Educação) do 4º ano do Colégio Estadual Presidente Dutra. A pesquisa de campo se deu através de visitas e entrevistas, feitas através de questionários respondidos pela população alvo do estudo. Os questionários foram entregues na secretaria da escola, para que pudessem ser enviados, aos professores, pela dificuldade de encontra-los e fazer a pesquisa diretamente. A secretária se encarregou de fazer com que os questionários retornassem para a bolsista. Atualmente, o Colégio Dutra possui três turmas de 4º ano do Curso de Formação de Professores, duas no período matutino e uma no vespertino, tendo sete professores de disciplinas que estão voltadas para o tema da pesquisa. Definimos então que buscaríamos entrevistar todos esses professores. Foram então agendados os encontros e as entrevistas, as quais foram realizadas com cinco professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontados na pesquisa, foram os seguintes: Todos os entrevistados, ou seja, 100 % são do sexo feminino. Para analisar as representações de gênero contidas nas práticas educacionais dos professores, primeiramente indagamos sobre questões de gênero propriamente ditas. A respeito dessa problemática todos os entrevistados responderam ter conhecimento, por já terem ouvido algo sobre o assunto, no contexto social, através da mídia e em palestras com educadores e professores. Nas aulas, ao longo de sua prática docente, todos percebem a necessidade de abordar o assunto por detectarem preconceitos e rivalidades entre os meninos e as meninas. Todos os entrevistados já

presenciaram alguma conversa e/ou discussão entre os alunos sobre o assunto, e em relatos de orientação de estágios também. Quanto à opinião pessoal sobre o assunto no contexto do curso de Formação de Professores, todos consideram muito importante este assunto, uma vez que o mesmo se converte em situações cotidianas. Na opinião dos professores, os alunos não estão preparados para lidar com essas questões no cotidiano profissional e não conhecem nenhum documento que regulamente a grade curricular de Magistério, que inclua a categoria gênero no universo infantil. Dos entrevistados, 40% não percebem na confecção de material, pelos alunos alguma característica específica na maneira de retratar o universo de meninos e meninas. 60% consideram os futuros professores despreparados para lidar com as distinções de gênero, podendo ser observado esse aspecto na confecção do material didático. Quanto à situação de “preconceito” em seu ambiente de trabalho, 60% responderam que não percebem, 20% raramente e os outros 20% responderam que o próprio curso de Magistério é permeado de preconceitos, onde a maioria dos estudantes é do sexo feminino. Já no cotidiano, 40% não percebem preconceito, 20% raramente e 40% percebem a distinção de gênero principalmente na criação dos filhos. Todos os professores abordam questões de gênero em sala de aula, através de discussões, debates, troca de experiências, etc e acreditam na influência de fatores externos no processo de distinção entre meninos e meninas principalmente da família e da mídia. Quanto às brincadeiras observadas em sala de aula, os professores relataram que: quando as crianças brincam juntas, brincam de pique e jogos de mesa; 60% observam que brincam isoladamente (meninas de boneca e meninos de futebol); 100% observam que quando brincam em grupo fazem jogos competitivos (meninos X meninas). Quanto às influências do meio externo durante as brincadeiras, que são

percebidos através do comportamento e das atitudes: 60% acreditam que tais influências provêm dos amigos; 80% da TV; 80% da religião; 100% da família. Os professores percebem tipos de agressão entre os alunos durante as atividades/brincadeiras, 80% respondeu que as agressões partem tanto dos meninos quanto das meninas e 20% respondeu que os meninos são mais agressivos. Esse comportamento é devido à falta de acompanhamento familiar (os alunos ficam expostos à ambiente com brigas e acabam por refletir um tipo de comportamento agressivo) e a mídia que veicula imagens agressivas. Todos os entrevistados percebem preconceitos ou restrições por parte dos alunos em utilizar determinado tipo de brinquedo: meninos não usam brinquedos ou brincadeiras de meninas e vice-versa. Foi perguntado que tipo de brinquedos/brincadeiras, na opinião deles, desperta maior interesse nas meninas: 60% responderam boneca/o, brinquedo de sucata e bola; 40% de jogos individuais e 100% de jogos/atividades coletivas, atividades musicais e artefatos domésticos. E para os meninos: 100% de jogos/atividades coletivas e bola; 60% de brinquedos de sucata, jogos individuais, atividades musicais, bonecos e carrinhos. No que diz respeito às discussões acerca do tema, todos os professores se consideram preparados para debater tais questões com os alunos.

CONCLUSÃO

Todos os entrevistados são do sexo feminino, tal fato é comum nas escolas de formação de professores. O sexo dos sujeitos deste estudo chama a atenção para a necessidade de se repensar as próprias dinâmicas escolares através de suas práticas pedagógicas discriminatórias, que poderiam contribuir para as perdas na profissionalização e qualidade do trabalho docente prejudicando o aproveitamento

pleno de alunos/alunas neste espaço. Neste sentido torna-se importante re-significar a docência, afastando-a de versões contaminadas pela associação *docência-mulher*, “atributos femininos” como requisito básico à docência ou *docência-cuidado*, que poderá ter um outro significado na educação de meninos e meninas. De acordo com o relato dos entrevistados, percebeu-se que as influências são principalmente da TV e da família. É inegável que as crianças, são diariamente, confrontadas com uma multiplicidade de informações provenientes de seus contatos com a TV. Uma das influências que sofrem as crianças é aquela relacionada a gênero, sendo, por exemplo, que alguns anúncios de brinquedos, além de veículos de propaganda e estimuladores de sua venda, tentam divulgar características que definem o papel sexual e social a serem desempenhados por meninos e meninas. No que se refere à questão das concepções, que são divulgadas pelos anúncios, estão presentes alguns aspectos/visões de família, do ambiente de trabalho, lazer e modelo de beleza. Assim, os anúncios de brinquedos são veiculadores de significações sobre a realidade social, e como tal devem ser constituídos como material de investigação, ou seja, uma forma de analisar determinadas questões produzidas pela sociedade nas quais eles estão inseridos. Os meninos durante suas brincadeiras demonstram agressividade, que é justificada pela grande influência televisiva. Também são os meninos que demonstram preconceitos e/ou restrições em utilizar alguns brinquedos, principalmente a boneca, pois acreditam que tal objeto não faça parte de seu universo. A respeito desse preconceito, é importante perceber o processo no qual sujeitos são construídos. Tal processo se dá de forma muito sutil, quase imperceptível, sendo assim, acontecem e são aceitas as mudanças, as distinções como algo natural. No entanto, tais práticas tão rotineiras e comuns devem ser analisadas com maior atenção. Desta maneira, torna-se necessário levantarmos

alguns questionamentos a cerca deste aspecto: é natural a separação entre meninos e meninas no universo escolar? Escolhas de brinquedos que fujam da “lógica natural” deve ser motivo de preocupação? Questões como estas precisam ser analisadas e discutidas tanto no ambiente de formação quanto de exercício profissional. Embora, esse não tenha sido o objetivo deste trabalho. A escola está buscando discutir as questões/distinções entre professores e em alguns dos casos entre professores e alunos, porém tal fato não ocorre frequentemente, na maioria dos casos não há esse tipo de discussão, o que nos leva a crer que atualmente a separação entre meninos e meninas nas escolas não tem merecido a devida atenção. Os professores parecem que não estão se detendo no assunto e dessa forma, deixam passar despercebidas ações que futuramente podem gerar constrangimentos na prática destes professores que estão sendo formados. Os professores em geral percebem a necessidade de trabalhar questões de gênero em sala de aula, pois reconhecem que a maioria dos alunos não está sendo preparada de acordo com a realidade que encontrarão no futuro cotidiano de trabalho. Os dados apontados na pesquisa demonstram que questões de gênero fazem parte do cotidiano das pessoas entrevistadas, porém no Curso de Formação de Professores, discussões, leituras específicas ou reflexões sobre o tema são feitas somente quando surgem oportunidades em sala de aula. Não existe uma disciplina específica para se trabalhar o tema, fazendo com que os alunos dependam da boa vontade e da possibilidade real de tempo, para tratar essas questões. Apesar dos professores conhecerem o assunto e se considerarem capacitados para trabalharem este tema, dificilmente é discutido em sala de aula com os alunos, pois não existe inclusão de questões de gênero no currículo escolar. Esse dado parece apontar para uma “falha” no sistema educacional, pois os alunos não serão preparados para discutir questões

que fazem parte do cotidiano infantil e escolar. Tal fato também vem de encontro com um documento que regulamenta ações e práticas de educadores, o Referencial Curricular para a Educação Infantil. Esse documento concerne à identidade de gênero a atitude básica de transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem com ao de mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor para que não sejam reproduzidos, nas relações com a criança, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher. Concluimos, portanto, nessa segunda etapa da pesquisa, que as questões de gênero ainda não tiveram a merecida atenção em escolas de Formação de Professores, ainda que, alguns docentes trabalhem essas questões quando possível, além de terem o conhecimento da existência de fatos que as denunciam, através de preconceitos entre os alunos e omissão daqueles que podem intervir nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROUGÈRE, G. Brinquedo e cultura, São Paulo: Cortez, 2001.
- CASTRO, L. R. Consumo e a infância barbarizada: elementos da modernização brasileira?. In: Castro, L. R. (org.) Infância e adolescência na cultura do consumo. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998. p. 56-74.
- FELIPE, J. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. [on line] <http://www.ufrgs.br/faced/geerg/Tias.html>. Arquivo capturado em 21/07/01.
- LOURO, G.L. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SCOTT, Jean. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre, Educação e Realidade; 1990. p. 5-22.